

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Espanhol

Diana Quirino da Silva Loureiro

**DESCONSTRUÇÃO DO ANTICIGANISMO E O
ENSINO DE E/LE CAMINHOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS**

Rio de Janeiro
2024



Diana Quirino da Silva Loureiro

**DESCONSTRUÇÃO DO ANTICIGANISMO E O ENSINO DE E/LE
CAMINHOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Espanhol, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Espanhol.

Orientadora Professora Dra. Regina Celia de Lima e Silva

Rio de Janeiro
2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

L892 Loureiro, Diana Quirino da Silva
Desconstrução do anticiganismo e o ensino de e/le caminhos didático-
pedagógicos / Diana Quirino da Silva Loureiro. - Rio de Janeiro, 2024.

17 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso
(Especialização em Ensino de Espanhol) – Colégio Pedro II, Pró-
Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Regina Celia de Lima e Silva.

1. Língua espanhola – Estudo e ensino. 2. Linguagem e línguas
Estudo e ensino. 3. Ciganos. 4. Interculturalidade. 5. Análise do
discurso. I. Silva, Regina Celia de Lima e. II. Colégio Pedro II. III.
Título.

CDD 468

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Diana Quirino da Silva Loureiro

**DESCONSTRUÇÃO DO ANTICIGANISMO E O ENSINO DE E/LE
CAMINHOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Espanhol, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Espanhol.

Aprovado em: 25/04/2024.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Regina Celia de Lima e Silva
Colégio Pedro II

Professora Dra. Andréa Galvão de Carvalho
Colégio Pedro II

Professora Dra. Viviane Conceição Antunes
UFRRJ

Rio de Janeiro
2024

DESCONSTRUÇÃO DO ANTICIGANISMO E O ENSINO DE E/LE: CAMINHOS DIDÁTICOPEDAGÓGICOS

Diana Quirino da Silva Loureiro

Resumo: No presente artigo científico, visamos um ensino de E/LE pautado na interculturalidade e repúdio a discriminação para com os ciganos. Para tanto, valendo-nos da Análise de Discurso de Orlandi (1995 e 2006) analisaremos três vídeos campanha elaborados pela *Fundación Secretariado Gitano*. São eles: *#YoNoSoyTrapacero* (2015), *#TeleBasuraNoEsRealidad* (2016) e *#PupitreGitano* (2019). Os vídeos, protagonizados por crianças ciganas, evidenciam as discriminações e desigualdades materializadas através do dicionário da RAE, de programa de televisão estereotipado e da injusta realidade escolar. Para compreender os caminhos de discriminação percorridos pelos ciganos, em especial, os ciganos espanhóis, realizamos um breve panorama histórico e constatamos que, até hoje, reproduzimos os discursos pejorativos proferidos há séculos atrás, conforme os estudos de Moonen (2012). No Brasil, a realidade não difere dos ciganos da Espanha e por isso torna-se relevante trazer esse grupo social a nossa sala de aula. Também sugerimos aos professores de E/LE a possibilidade de uso dos referidos vídeos como uma ferramenta didática e apresentaremos possíveis caminhos que os professores poderão adotar para apresentá-los em sala de aula. Acreditamos que com o apoio do material audiovisual o docente poderá promover aulas pautadas no respeito a diferentes culturas. Por esta razão este trabalho é uma tentativa de reacender o debate acerca da temática central, por conta de sua relevância linguístico-social para os aprendizes de espanhol, em especial aos brasileiros.

Palavras-chave: análise de discurso; ciganos; aprendizes brasileiros; espanhol como língua estrangeira

DESCONSTRUCCIÓN DEL ANTIGITANISMO Y LA ENSEÑANZA DE E/LE: CAMINOS DIDÁCTICO-PEDAGÓGICOS

Resumen: En este artículo científico, pretendemos una enseñanza de E/LE basada en la interculturalidad y el repudio a la discriminación. Para ello, utilizándonos del Análisis de Discurso de Orlandi (1995 y 2006), analizaremos tres videos de campaña elaborados por la *Fundación Secretariado Gitano*. A saber: *#YoNoSoyTrapacero* (2015), *#TeleBasuraNoEsRealidad* (2016) y *#PupitreGitano* (2019). Los vídeos, protagonizados por

niños y niñas gitanos, presentan las discriminaciones y las desigualdades materializadas a través del diccionario de la RAE, del programa de televisión estereotipado y de la injusta realidad escolar. Con el fin de comprender los caminos de discriminación que han seguido los gitanos, especialmente los gitanos españoles, hemos hecho un breve repaso y observamos que, a día de hoy, reproducimos los discursos peyorativos dichos hace siglos. En Brasil, la realidad no difiere de los gitanos en España y por eso es relevante llevar a este grupo social a nuestras aulas. También sugerimos a los profesores de E/LE la posibilidad de utilizar estos vídeos como herramienta didáctica y presentaremos posibles formas que los profesores pueden adoptar para presentarlos en el aula. Creemos que, con el apoyo del material audiovisual, el docente podrá promover clases basadas en el respeto a las diferentes culturas. Por esta razón, este trabajo es un intento de reavivar el debate sobre el tema central, debido a su relevancia lingüístico social para los estudiantes de español, en especial a los brasileños.

Palabras clave: análisis de discurso; gitanos; aprendices brasileños; español como lengua extranjera

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que tudo é significativo a quem se dedica a analisar o discurso. A escolha lexical, gestual e/ou entonacional dirão muito a respeito sobre o sujeito envolvido na interação. No presente artigo, desejamos analisar os discursos predominantes relacionados aos ciganos. Um exemplo de discurso dominante é o caso da definição discriminatória da RAE (2015) que se mantém até os dias atuais, na qual há o verbete “trapacero” ao referir-se aos ciganos. Também temos a representação de discursos contra o anticiganismo¹ por meio das campanhas elaboradas pela *Fundación del Secretariado Gitano*: #YoNoSoyTrapacero, #TeleBasuraNoEsRealidad e #ElPupitreGitano.

Cursei uma licenciatura em Letras-Português/Espanhol/Literaturas atenta às questões sobre preconceitos sociolinguísticos, com ênfase nas questões étnico-raciais para com os negros e os indígenas. Como professora, tento, a cada aula, ao menos sinalizar para os alunos e convidá-los a refletir sobre tais questões. Por esta razão, quando a minha orientadora da graduação me convidou a assistir ao vídeo dos ciganos fiquei incomodada e desejosa de seguir o tema como objeto de investigação. Instantaneamente, lembrei-me da experiência que tive em sala de aula, em relação à repulsa dos alunos em lerem um texto sobre o casamento cigano, da falta de tempo que tive para trabalhar essa questão e do meu desejo de conhecer e colaborar, de alguma forma, com a causa dos ciganos por conta da língua que ensino e dos preconceitos étnicos que também existem em meu país.

Acredito que aqui seja válido detalhar sobre a minha experiência em sala de aula, em uma escola privada da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. No ano de 2018, lecionava espanhol nessa instituição para o 9º ano. No material didático disponibilizado pela escola, havia um capítulo que mencionava o casamento cigano. Quando os alunos leram as imagens ilustrativas, um grupo demonstrou desinteresse, outro grupo parecia estar mais interessado e o restante começou a dizer que se tratava de “macumba”. Expliquei da melhor forma que acreditei ser possível no momento, propus um debate e dos argumentos utilizados contra os ciganos foram: “Eles são do candomblé”, “Eles leem a nossa mão para depois nos roubarem”.

Analisando esta situação, acredito que a grande motivação deste trabalho foi o acontecimento narrado. Senti-me mal por não ter explorado a temática do preconceito como deveria. Também preciso dizer que não sabia muito sobre os ciganos, além do que os alunos disseram. Nesta minha tentativa de minha própria visão sobre a etnia cigana, venho estudando e lendo sobre quem são os ciganos ao longo da história e, principalmente, no contexto atual em que estamos inseridos. Dessa maneira, decido elaborar o presente artigo sob a luz da Análise do Discurso (AD) de base francesa, já que essa área de estudos nos permite realizar análises dos dispositivos enunciativos e de como estes repercutem ideologias dominantes.

Após esta introdução, nos ocuparemos de discorrer sobre a não neutralidade do discurso e de como a memória tem papel fundamental para que os discursos sejam proferidos, ainda que se pense que são discursos particulares e originais do sujeito. Realizaremos um embasamento teórico atento à autoria cigana ou de seus descendentes. Os trabalhos de Margareta Matache (2016) e Joan Oleaque (2014) são fundamentais para a compreensão da trajetória dos ciganos pelo mundo, em especial, na Espanha. Matache é cigana e professora de direitos humanos na Universidade de Harvard e Oleaque tem como mãe uma cigana que o inspirou a realizar estudos na área, conforme apresenta no prefácio de sua tese de doutorado.

A partir de uma ótica gadjé (não cigano na língua Romaní), portanto, pareceu-nos importante o trabalho de Souza e Companhia (2009) e Moonen (2012), posto que o enfoque central deste artigo não é marginalização, mas os movimentos que vêm sendo adotados em busca de uma liberdade cultural.

¹ Utilizo o termo que MOONEN (2012) apresenta em seu trabalho.

Em seguida observaremos as campanhas através de publicações de vídeos no *youtube* feitas pela *Fundación del Secretariado Gitano*, são elas: #YoNoSoyTrapacero, #TeleBasuraNoEsRealidad e #ElPupitreGitano. Objetiva-se, também, destacar a influência da cultura cigana na formação da cultura hispânica, chamar a atenção dos aprendizes e professores de espanhol como língua estrangeira (E/LE) para os movimentos político-sociais que visam a equidade no tratamento da cosmopercepção cigana, sejam estas hispânica ou brasileira. Ainda que a campanha #YoNoSoyTrapacero tenha sido lançada no dia 8 de abril de 2015 (#YoNoSoyTrapacero /#YoNoSoyTrapacera) e já tenha quatro anos desde seu lançamento, nenhuma atitude concreta reparatória foi tomada. Por essa razão, temos como principal objetivo não permitir que este ato discriminatório caia no esquecimento.

Por fim, temos uma breve reflexão sobre caminhos de inclusão da cosmovisão cigana nas aulas de E/LE, levando em conta a curta carga horária que o professor dessa disciplina possui na maioria das escolas particulares. Também temos a intenção, com este trabalho, de levar o professor a refletir sobre a relevância que uma seleção atenta à interculturalidade favoreça o processo de ensino aprendizagem e possibilite que o aprendiz desmistifique estereótipos, tanto na língua materna, quanto com relação à língua estrangeira. Desejamos, assim, contribuir ao ensino de E/LE pautando-nos na diversidade cultural dos povos que constituem a língua estudada.

2 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Sabe-se que, no que concerne ao estudo da língua, há diferentes vertentes a serem adotadas a depender da motivação teórica de quem se propõe a estudá-la. Segundo Eni P. Orlandi, em seu livro intitulado “Análise de Discurso” (2006), há os que se dedicam a estudar a língua enquanto sistema de signos, outros como sistema de normas e diferentes concepções de gramática e outros ainda se propõem a investigar a linguagem tendo como objeto de análise central o discurso.

Desta maneira, tudo é significativo a quem se dedica a analisar o discurso. A escolha lexical, gestual e/ou entonacional dirão muito a respeito sobre o sujeito envolvido na interação. Muitos são os caminhos que um analista de discurso pode seguir a depender de sua interpretação, no entanto, isso não quer dizer que o analista possa interpretar de qualquer maneira, é necessário interpretar dentro do limite de sentido possível do objeto simbólico (ORLANDI, 2006. p.26).

O texto, dissemos inúmeras vezes, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção. O texto é, para o analista de discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante. E não é das questões menos interessantes a de procurar saber como se põe um discurso em texto. (ORLANDI, 1995, p.117)

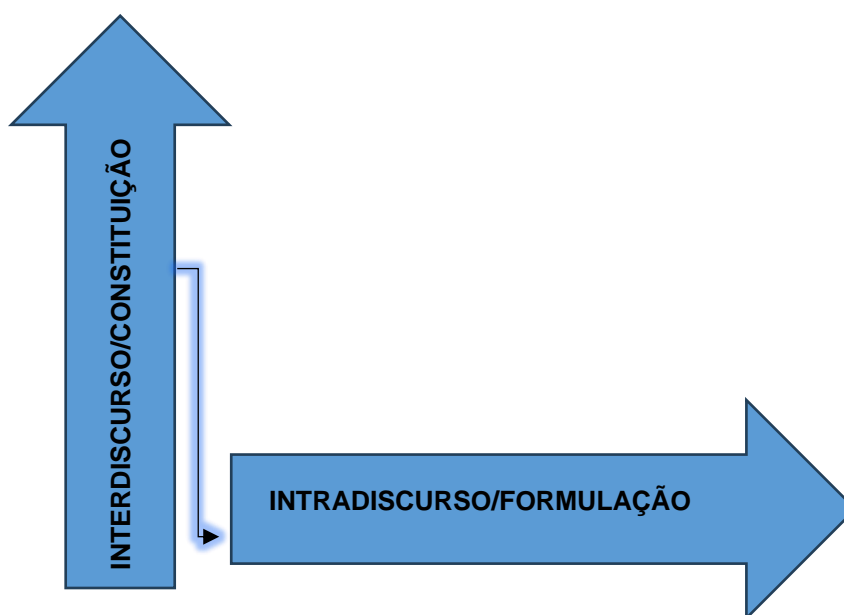
Conforme já havíamos assinalado, não existe uma escolha neutra, tampouco particular. Essa falsa sensação de que produzimos algo advindo de nossa própria cabeça se deve ao interdiscurso que partilhamos. Isto é, por detrás do que agora dizemos, há formulações anteriores que nos impulsionam a dizer, acreditando-se de uma reflexão pessoal. O esquecimento, neste contexto, também tem um papel importante. Orlandi (2006, p. 35) menciona os dois tipos de esquecimentos expressos por Pêcheux (1975). São eles: i) ocorre o “esquecimento ideológico” quando não temos a consciência de que estamos reproduzindo ideologias outras e ii) o “esquecimento enunciativo” ao falarmos, escolhemos uma forma de dizer e não a outra. É no segundo tipo de esquecimento que nos iludimos referencialmente ao pensar que exista uma conexão direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo.

Como podemos notar o fato de que nos esqueçamos sobre quais ideologias estamos reproduzindo é favorável à manutenção da discriminação, ou seja, quanto mais não nos atentemos a “relembrar” sobre os discursos já ditos e criticá-los, mais estaremos nos permitindo ser moldados por determinado grupo de poder social. Neste jogo manipulativo, mantemos dizeres que visam conservar como invisibilizadas a certas classes sociais.

2.1 A memória do dizer

Orlandi em seu artigo “Texto e discurso” (ORLANDI, 1995, p. 112-113), especifica que o interdiscurso é a memória do dizer. Parece-nos válido realizarmos algumas considerações sobre a memória, sob a óptica desta abordagem da AD. Courtine (ORLANDI, 2006, p. 33-34, *apud* COURTINE, 1984) elabora que, no eixo do interdiscurso/constituição, “fala uma voz sem nome”. Para a referida autora, os eixos que Orlandi classifica como interdiscurso e intradiscurso seriam, respectivamente, constituição e formulação.

Figura 2.2- Ilustração sobre o interdiscurso e intradiscurso



A autora, 2024

Como podemos ver no esquema acima, o eixo do interdiscurso/constituição é verticalizado, abarcando os dizeres (esquecidos) que nos perpassam e nos dão a falsa ideia de “discurso próprio”, horizontalizando-se naquilo que dizemos em determinado momento, o intradiscurso/formulação.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. Paralelamente, é também o interdiscurso, a historicidade, que determina aquilo que, da situação, das condições de produção, é relevante para a discursividade. (ORLANDI, 2006, p. 33)

Desta forma a memória discursiva é aquilo que já foi dito antes e que a depender da situação discursiva poderá apresentar novas compreensões. Camargo (2019, p. 173) faz um recorte sobre as considerações de Pêcheux quando este afirma que há acontecimentos, discursos novos que desestabilizam a memória, sendo esta, historicamente construída. Neste jogo de esquecimentos, enunciações de constituições e formulações, o sujeito pode tanto visar manter a regularidade da memória coletiva ou confrontá-la, mas este ato enunciativo não é inaugural, é construído a partir do encontro entre o foi dito e o que está sendo dito. Com relação aos

estereótipos construídos sobre os ciganos em alguns discursos e materiais didáticos, cabe aos docentes romper a regularidade coletiva, confrontando-a afim de evitar discriminações.

Observa-se o quanto nos pautamos no que já foi dito e historicizado pela memória coletiva. Esta, como já mencionado, é a base coletivamente construída do que dizemos. Não sabemos, com exatidão de onde vem, quais pessoas a produziram, trata-se de um acordo ideológico inconscientemente assinado ao nos posicionarmos frente a inúmeras situações discursivas. Entretanto, se este acordo reforça desigualdades, falta de representatividade e preconceito, precisa ser quebrado. A escola tem muita responsabilidade nisso, sua reflexão não pode se submeter ou limitar às definições de um dicionário, principalmente se estas se traduzem em instrumentos de discriminação.

Segundo Camargo (2019), a memória tem “desejos de materialidade”, isso quer dizer, que se materializa então ao ser compreendida por alguém. Ainda que esses sujeitos tenham a impressão de serem a única origem do que dizem, não o são. No entanto, Orlandi (2006, p.54) sinaliza o papel fundamental dessa ilusão, para que o sujeito consiga marcar sua identidade e a subjetividade de seus sentidos. Caso o sujeito não realize esse movimento de subjetividade dos sentidos ele estará estacionado no local da repetição e poderá, portanto, ser manipulado.

A autora esclarece que há três tipos de repetição. A primeira é a empírica, movimento realizado igual ao papagaio, por exemplo. A segunda é a formal, a que realizamos quando parafraseamos algo e a última é a histórica, a que dá movimento, desloca o que já está posto por dizeres outros. Por esta razão, não é suficiente dizer que a nossa memória do dizer funciona apenas como repetição do que já foi posto, pois ao deslocarmos os sentidos anteriores nos inscrevemos histórica e subjetivamente(ideologia), assim “fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco,a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido.” (ORLANDI, 2006 p. 54).

3. O POVO CIGANO: ENTRE (RE)AFIRMAÇÕES E PRECONCEITOS

Segundo Moonen (2012), existem alguns documentos que mencionam povos que hoje denominamos, genericamente, de ciganos. O documento mais antigo é datado do ano de 1050, sob a autoria de um monge grego, no qual dizia-se que o imperador de Constantinopla (atual região de Istambul, Turquia) precisava de ajuda para eliminar animais perigosos e contratou os *Adsincani*, grupo de feiticeiros e videntes. No século posterior, outro monge referiu-se aos domadores de animais e aos que previam o futuro de *Athinganoi*. Em meados do século XIII, o então dirigente de Constantinopla faz uma solicitação junto ao clero sobre a necessidade de evitar a vinda de domadores de animais, pois estes “ensinam coisas diabólicas” (MOONEN 2012, p.9 *apud* Fraser, 1992). O autor sinaliza que talvez sejam estes os antepassados do povo que conhecemos como ciganos, que estariam na região da Turquia, por volta do século XI.

Esses e outros grupos migraram para a Grécia e ali um frade franciscano fala sobre um grupo de músicos e adivinhadores com características nômades. Tempos mais tarde, a caminho da Terra Santa, foi notada a presença desse mesmo grupo evidenciado pelo frade, trabalhando como ferreiros e sapateiros próximo ao Modon (porto marítimo grego, atualmente Methoni). Esses grupos, no século XV, migraram para a Europa Ocidental e, na maioria, diziam ser oriundos do “Pequeno Egito”. Como sinaliza Oleaque (2014, p. 20), houve uma confusão ao pensar que os ciganos eram originários do Egito. Da designação “*egpciano*”, culminou em *gitano* (espanhol), *gypsy* (inglês) e cigano como assim os conhecemos.

Em doze de janeiro de 1425, os ciganos estão presentes na Península Ibérica. Um tal Conde Don Juan de Egipto Menor, apresenta-se a mando de uma companhia cigana da cidade de Zaragoza. Em audiência com o rei Alfonso V, o Magnânimo, solicita permissão de passagem para peregrinar a Santiago de Compostela. Conta que saídos

do Egito, descendentes de pagãos convertidos ao cristianismo se converteram a idolatria e ao realizá-lo ficaram obrigados a pagar sua dívida peregrinando para os lugares sagrados cristãos. (OLEAQUE, 2014, p. 20-21, tradução nossa)²

Seria desse encontro de doze de janeiro que surgiram duas representações que perduram até os atuais dias: a primeira sobre a possível origem egípcia e a segunda de que os ciganos eram descendentes de pagãos e que, por isso, como um ato de fé cristã, deveriam peregrinar pelos principais pontos cristãos do mundo. Motos, inclusive, diz que: “Essa é, com pequenas variações, a explicação que ofereciam os ciganos sobre seu nomadismo” (OLEAQUE 2014, p. 20 *apud* Motos, 2009, p. 66, tradução nossa)³. Esta confusão e outras se deram porque, durante séculos, a cultura cigana era ágrafa e, diferente da tradição etnocêntrica, não tinham como fonte de interesse perpetuar o passado, inclusive quando alguém falecia queimavam-se todas as lembranças materiais. Entretanto, ainda que durante um longo período fosse uma cultura sem tradição escrita, muitas foram as pesquisas e livros escritos pelos não ciganos que, em grande parte, apenas reproduzem estereótipos e reforçam o anticiganismo.

Antes, isto mesmo já havia sido apontado por diferentes linguistas, já que o mapeamento dos ciganos vem sendo realizado a través da evolução da língua dos mesmos (Bloch, 1968, Kochanowski, 1963, 1979; Gila-Kochanowski, 1974). No entanto, em Calcutá, ao final de 1995, no III Congresso Internacional sobre Literatura e Minorias Étnicas de Origem Indiana, diferentes vozes apontaram que esse caminho pode dar-se de muitos pontos do subcontinente, não somente desde o norte da Índia (citado em Oleaque, 1996). (OLEAQUE, 2014, p. 20, tradução nossa)⁴

Alguns estudos necessários para entender a origem dos ciganos foram dos linguistas Christian Büttner, em 1771, por Johann Rüdiger, em 1782, e por Heinrich Grellmann, em 1783 (MOONEN, 2012 p. 10). Professor da Universidade de Halle, Johann Rüdiger, publicou, em 1782, o estudo comparativo entre a língua romaní (língua de um dos grupos de ciganos) e a hindi (língua derivada do sânscrito), língua falada no norte da Índia. Oleaque (2014, p. 19) pondera que, somente em 2012, esse estudo foi validado por meio de um mapeamento genético e que os ciganos são originários da Índia. O ponto de partida possivelmente se deu no norte e/ou noroeste da Índia, por esta razão, por muito tempo, acreditou-se que os ciganos eram originários somente desta região da Índia, e não de todo o território.

No entanto, há divergência entre os historiadores ao precisarem sobre a região, ano e motivações que originaram a migração dos ciganos pelas demais partes do mundo, “Na realidade, todas as teorias (e inúmeras fantasias, mitos e lendas) sobre a origem dos ciganos não passam de mera especulação e não têm nenhuma comprovação empírica” (MOONEN, 2012, p.11). Alguns pesquisadores localizam que as migrações começaram em torno do século III, outros já afirmam que seria em torno do século V (OLEAQUE, 2014, p. 19, *apud* Fraser, 2005; Salo, Friedman, Silverman y Volland, 1990). Oleaque (p. 20) menciona o primeiro documento europeu que sinaliza que os ciganos eram escravizados. Datado do século XIV, os ciganos foram feitos de escravos na Moldávia até 1856 “[...] na Valáquia e Moldávia (atual Romênia), onde foi abolida somente na segunda metade do século XIX; também nos países ibéricos, em

² O texto em língua espanhola é: “El doce de enero de 1425, los gitanos se hacen presentes en la Península Ibérica. Un tal Conde Don Juan de Egipto Menor, se presenta al mando de una compañía gitana en la ciudad de Zaragoza. En audiencia con el rey Alfonso V, el Magnánimo, solicita permiso de paso para peregrinar a Santiago de Compostela. Cuenta que salidos de Egipto, descendientes de paganos convertidos al cristianismo volvieron a la idolatría y al hacerlo quedaron obligados a pagar su deuda peregrinando a los lugares sagrados de la cristiandad.”

³ O texto em língua espanhola é: “Esta es, con pequeñas variantes, la explicación que ofrecían los gitanos de su nomadismo”

⁴ O texto em língua espanhola é: “Antes, esto mismo ya había sido apuntado por diferentes lingüistas, ya que el rastreo de los gitanos se ha venido realizando a través de la evolución de la lengua de los mismos (Bloch, 1968, Kochanowski, 1963, 1979; Gila-Kochanowski, 1974). No obstante, en Calcuta, a finales de 1995, en el III Congreso Internacional sobre Literatura y Minorías Étnicas de Origen Indio, diferentes voces apuntaron que ese camino pudo darse desde muchos puntos del subcontinente, no sólo desde el norte de la India (citado en Oleaque, 1996).”

algumas épocas, ciganos podiam ser escravizados.”(MOONEN, 2012, p. 6).

3.1 Algumas estratégias do anticiganismo

É interessante destacar que Frans Moonen, que recorrentemente utilizamos neste trabalho, em seu prefácio apresenta atitudes anticiganas que raramente ouvimos dizer. Além da escravidão que durou séculos, houve (e há) prisões - pelo simples fato de ser cigano - deportações, genocídio na Holanda e na Alemanha nazista. Segundo Moonen, em torno de 250 a 500 mil ciganos foram massacrados. Com isso, podemos perceber que a cultura do anticiganismo está disseminada por muitos séculos. Por meio de estudos atuais comprometidos em dar protagonismo aos ciganos e políticas públicas voltadas a essa população, que teremos a chave para combater mais este tipo de discriminação.

Matache (2016,p.2), em seu artigo, realiza um breve panorama histórico sobre as palavras, pensamentos e imagens criadas com relação à comunidade cigana no meio acadêmico. A autora considera estudos desde os anos 1600. Neste mesmo ano, a estudiosa cigana destaca a definição dada por alguns acadêmicos, dentre eles Spellman, ao afirmar que o povo cigano é constituído por “os piores tipos de vagabundos e impostores [...] desfigurados por sua pele escura queimada pelo sol; sujos em suas vestimentas e indecentes em todos seus costumes” (tradução nossa).⁵

Séculos depois a forma de pensamento se mantinha e, assustadoramente, mantém-se, ao refletirmos sobre nossos dias. Matache ressalta que a inferiorização dos ciganos se mantinha em destaque e potencializava os *gadjés*.

O desprezo pela pele dos ciganos, suas roupas e costumes, assim como sua representação como raça perigosa ajudaram a construir uma identidade cigana de baixa qualidade. Quanto mais problematizados eram os ciganos e apresentados como inferiores e perigosos, mais valor e poder simbólico e material ganhava, evidentemente, a Gachocidad. (MATAACHE, 2016a, p. 3 tradução nossa)⁶

Por muitos séculos, a maioria dos estudiosos apenas foram construindo novos sentidos baseando-se neste dispositivo teórico racista o qual Matache evidencia. A autoria branca e, majoritariamente, cristã para se falar sobre os ciganos, segundo a autora, é uma das razões para que no cenário atual tenhamos o ressoar do mesmo discurso.

Assim sendo, é preocupante que não vejamos estudiosos ciganos em posições privilegiadas, isto nos diz sobre a força ainda exercida sobre os estudiosos não ciganos que ocupam lugares de prestígio e tendem a reforçar estereótipos de marginalização e subalternização, ainda que estejam “bem intencionados” (MATAACHE, 2016b, p.2), acabam por culpabilizá-los por esta realidade. Conforme sinaliza Bourdieu (MATAACHE, 2016^a, p.4 *apud* BOURDIEU, 2006) poucos são os pesquisadores que contradizem o mundo intelectual estabelecido.

4 METODOLOGIA

O presente artigo científico é de cunho qualitativo e visa propor estratégias que os professores de E/LE podem adotar para apresentar os ciganos, livres de estereótipos, aos seus

⁵ MATAACHE cita Spellman, citado por George Smith, *Gypsy life: Being an Account of Our Gypsies and Their Children. With suggestion for Their Improvement*, 1880. O texto em língua espanhola é: "los peores tipos de vagabundos e impostores... desfigurados por su tez oscura quemada por el sol; sucios en sus ropajes e indecentes en todas sus costumbres"

⁶ O texto em língua espanhola é: “El desprecio de la piel de los gitanos, sus ropas y costumbres, así como su representación como raza peligrosa ayudaron a construir una identidad gitana de bajo rango. Cuanto más problematizados eran los gitanos y presentados como inferiores y peligrosos, más valor y poder simbólico y material ganaba evidentemente la Gachocidad.”. Não conseguimos encontrar na língua portuguesa uma palavra adequada a tradução de “Gachocidad”, que é entendida como o grupo de não- ciganos.

alunos. Para tanto é necessário que se realize um breve levantamento histórico sobre a marginalização e apagamento desse grupo. Também se verificará os vídeos produzidos pela Fundación del Secretariado Gitano, são eles: #YoNoSoyTrapacero, #TeleBasuraNoEsRealidad e #ElPupitreGitano. Esses vídeos serão os condutores na proposta final da presente pesquisa, que tratará de apontar possíveis caminhos de incluir os ciganos nas aulas E/LE, levando em consideração toda a luta por direitos, não apenas como uma curiosidade cultural.

5. ANÁLISE DAS CAMPANHAS NO YOUTUBE

Uma das diversas estratégias lançadas pela Fundación del Secretariado Gitano (grupamento espanhol que luta pelos direitos civis dos ciganos) contra o anticiganismo são os vídeos campanhas realizadas na plataforma do Youtube. A primeira que obteve grande visibilidade na mídia espanhola e internacional foi #YoNoSoyTrapacero (2015), lançada como forma de sensibilização e reivindicação contra a RAE (Real Academia Española). No vídeo as crianças ciganas reagem a leitura do verbete “trapacero” presente no dicionário da RAE. Por se tratar de crianças reagindo a discriminação, a partir do vídeo, algumas medidas foram adotadas como, por exemplo, manter o verbete explicando que é um uso ofensivo.

Em 7 de novembro de 2014, o jornal espanhol *20 minutos* publicou uma notícia sobre a decisão da RAE por manter a polêmica definição, observemos alguns fragmentos da reportagem. Observando os argumentos utilizados pela RAE, a opção por manter o verbete “*trapacero*” reproduz uma definição que foi e é recorrente desde os anos 1500. Logo, segundo a RAE ao *20 minutos*, retificar o verbete discriminatório seria ir contra um dos pilares da Academia, que é ser fiel ao que é usado pelos hispano-falantes. Por esta razão, nas palavras da Academia, o lexicógrafo está sendo verídico com relação aos usos lexicais de determinada comunidade. Isso, ainda nas palavras da instituição, de forma alguma incita a discriminação ou desprezo pelo grupo social em questão.

Ainda assim, preocupa-nos que um dicionário veja como relevante a manutenção desse adjetivo, discriminadamente escolhido pelo senso comum, para definir os ciganos. É válido mencionarmos um verbete completamente distinto ao da RAE, elaborado pelo Elhuyar⁷ (dicionário da língua Vasca): “cigano, -a. 2. Adj. (depreciativo) cigano, parece mentira que ainda exista pessoas que usam a palavra cigano como insulto” (Dicionário on-line da língua Vasca, Elhuyar, tradução nossa)⁸. De maneira respeitosa e pontual, o dicionário *online* da língua vasca apresenta à sociedade uma descrição adequada, enfatizando o quanto é absurdo que se tenha um pensamento discriminatório para com os ciganos.

Na contramão a essa política de “veracidade” lexicográfica da RAE, a União Romani e demais instituições defensoras dos ciganos expressa que essa escolha incita a discriminação e xenofobia para com o povo cigano e alimenta estereótipos que deveriam ser apagados da nossa memória coletiva.

Em 2016, a *Fundación del Secretariado Gitano* movimenta-se por meio do YouTube mais uma vez, ao lançar a campanha #TeleBasuraNoEsRealidad. No vídeo, as mesmas crianças da campanha anterior ressalvam o quanto já estamos conscientes que o verbete da RAE é um problema, mas ainda não temos a consciência que programas televisivos como “Casamento Cigano” reproduzem uma versão deturpada do que é ser cigano e suas respectivas

⁷ Verbetes disponíveis na carta aberta do Conselho Estadual do Povo Cigano, disponível em <https://www.gitanos.org/actualidad/prensa/comunicados/113568.html>. Acesso em 30 de jan, 2021.

⁸ O texto em língua espanhola é: “gitano, -a. 2. Adj. (despectivo) ijito parece mentira que todavía haya gente que emplea la palabra gitano como insulto (...)”

representações no que diz respeito as relações familiares e amorosas por apresentar somente brigas e reações agressivas.

Dessa vez, adultos ciganos reagem a um trailer do programa e todos demonstram insatisfação com o conteúdo transmitido, pois não representam aos ciganos, já que, por se tratar de um reality show, há luxo e distorção da realidade. Ao final, as crianças dizem que esperam que dessa vez não os ignore e que haja uma mudança.

Já em um modelo diferente dos vídeos mencionados anteriormente, a fundação lança, em 2019, a nova campanha *#PupitreGitano*. Por conta de estereótipos, há uma parcela da sociedade que acredita que crianças ciganas não tenham condições ou desejo de serem advogados, professores, médicos, etc. Na campanha denuncia-se isto, o quanto a desigualdade interfere no progresso acadêmico dos estudantes ciganos.

Para realizar essa denúncia, utiliza-se a metáfora do “*pupitre*”, carteira escolar em português. Durante o vídeo, apresentam o que seria a carteira cigana, que, aparentemente, é uma mesa e cadeiras normais, mas quando de perto é possível notar as irregularidades e desconforto em seu uso. Tal qual essa carteira escolar representativa da realidade dos ciganos no sistema de educação espanhol e podemos dizer que no Brasil também, pois não há garantia de políticas públicas que mantenham e estimulem a manutenção desse grupo nas escolas.

6. SUGESTÕES DE CAMINHOS PARA O PROFESSOR DE E/LE

Durante minha atuação como professora de espanhol na educação básica privada e cursos livre raras foram as vezes que observei a apresentação dos ciganos nos materiais didáticos. A primeira vez foi a que mencionei na introdução, quando meus alunos disseram que os ciganos eram da macumba, e a segunda foi em um curso de idiomas quando apresentaram o flamenco, que, segundo o material, era de origem cigana.

Diante dessa realidade e de nossa conscientização que devemos apresentar, o máximo possível, dos grupos étnicos que constituem o que chamamos de mundo hispano, temos como questionamento: Como trazer os ciganos para minha sala de aula diante de uma hora-aula tão curta? É desafiador, mas não impossível.

Pensando a hora-aula semanal de uma hora, o professor precisa agir com muita estratégia para utilizar o material didático obrigatório e trazer seus materiais complementares. Vídeos curtos podem ser ótimas ferramentas e as ideias aqui apresentadas serão baseadas nos vídeos mencionados no item 5.

6.1 Vídeos da *Fundación del Secretariado Gitano* nas aulas de E/LE, quando usá-los?

Não é novidade que muitos materiais didáticos ainda sejam eurocentrados ao introduzir somente a Espanha como referência de língua espanhola. Apresentam-se os pontos turísticos e as belezas desse país, sem mencionar os problemas sociais do local. No entanto, como professores de E/LE, preocupados com uma formação intercultural, devemos apresentar o que está silenciado, como as discriminações com certos grupos étnicos. Para tal, caso você esteja diante dessa situação é um bom momento para passar qualquer um dos três vídeos da *Fundación del Secretariado Gitano*, pois nos três há a denúncia do descaso das autoridades espanholas com esse grupo étnico.

Em especial para o vídeo *#YoNoSoyTrapacero* (2015) podemos apresentá-lo quando temos o conteúdo gramatical sobre as características de personalidade. Com isso, levaríamos os nossos alunos a refletirem como uma adjetivação discriminatória é dolorosa para o grupo ofendido. Em conjunto, os alunos poderiam pensar em soluções que a RAE poderia ter adotado e o porquê de, ainda hoje, o verbete *trapacero* estar em vigor no que se refere aos ciganos.

Com a campanha *#TeleBasuraNoEsRealidad* (2016) já podemos promover debates sobre o que consumimos enquanto telespectadores e como o consumo de certos programas de

televisão, como o Casamento Cigano, pode influenciar na manutenção de estereótipos em nossa memória discursiva. Os alunos também podem elaborar pequenas apresentações com sugestões de programas de televisão que tenham os ciganos como protagonistas, sem os já mencionados estereótipos.

Ao visualizarmos o vídeo *#PupitreGitano*, já sabemos que podemos trabalhar os itens escolares, assim como pedir para que os alunos reflitam criticamente com base no vocabulário aprendido. Também é relevante destacar a temática da desigualdade social no âmbito escolar e, em grupos, pensar em soluções para este terrível problema.

Como já está no título do presente artigo, acabamos de apresentar possíveis caminhos, já que, por vezes, como professores preparando a aula, não sabemos qual material de apoio audiovisual utilizar, quando e como. Aqui deixamos sugestões que devem ser ajustadas a realidade da turma e dos recursos pedagógicos disponíveis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito contra os que hoje denominamos de ciganos não é fruto do século atual. Segundo o primeiro documento datado, do ano 1050, já eram mal vistos, como consta no subitem 3.1. Atualmente, na Espanha, sabemos que há a *Fundación del Secretariado Gitano* que promove inúmeras ações e solicitações de políticas públicas que visam assegurar os direitos da comunidade *cigana*. No Brasil, o cenário não é tão distinto e a reação dos alunos mencionados na introdução do presente trabalho representa o pensamento que alguns insistem em conservar, na maioria das vezes, por desconhecimento e pela veiculação de estereótipos.

Pensando especialmente nos aprendizes de língua espanhola brasileiros, vemos o quanto é necessário que tenhamos atenção ao recomendar certos tipos de recursos, como o dicionário *online*, por exemplo. Ao mesmo tempo, podemos utilizar outros recursos didáticos para favorecer uma aula atenta ao enfrentamento de posicionamentos discursivos ditos como oficiais, já que é ilusório pensar em uma neutralidade discursiva conforme apresentou-se no item 2. Também, de acordo com as contribuições de Eni Orlandi todo o processo discursivo refletirá uma luta de classes, ainda que o falante não se dê conta que faz parte desse embate ideológico.

Também não descartamos que as imagens/estereótipos que os alunos já tenham na língua materna se refletirão nas imagens a serem construídas na língua estrangeira. Mas, será, talvez, que por conta da motivação e afetividade que se tenha ao aprender o idioma, como a língua espanhola, os aprendizes terão mais facilidade para desfazerem essas imagens? Não há dúvidas sobre a influência, ainda que mínima, do professor nesta questão por meio de sua seleção de ferramentas didáticas.

Nota-se a urgência de uma formação que dê conta da riqueza étnico-cultural dos países que têm o espanhol como idioma oficial. Ansiamos por uma prática que tenha a preocupação de selecionar e recomendar ferramentas didáticas que possam contribuir, positivamente, para a desmistificação de estereótipos como o existente com relação aos ciganos ou a qualquer outro grupo desvalorizado e discriminado socialmente. Para tanto, esse trabalho é um convite para que repensemos a aprendizagem de E/LE priorizando questões étnico-raciais, tanto na língua materna, quanto na língua a ser aprendida, evitando, assim, uma reprodução de definições discriminatórias.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998, p.65 -69. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em : 11 de nov. 2020.
- CAMARGO, Cássio Michel dos Santos. **Memória discursiva e a análise do discurso na perspectiva pecheuxiana e sua relação com a memória social**. Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti, v. 9, n. 14, p. 167-181, 2019.
- Fundación del Secretariado Gitano. **Definição da Língua Vasca sobre os ciganos**, disponível em <https://www.gitanos.org/actualidad/prensa/comunicados/113568.html> . Acesso em: 22 de nov. 2023.
- Fundación del Secretariado Gitano. **#ElPupitreGitano** (2019), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AUH6LvH0uQw>. Acesso em: 06 de abril 2023.
- Fundación del Secretariado Gitano. **Fragmento da nota emitida pela RAE sobre a inclusão da rubrica “ofensivo ou discriminatório” na 5ª aceção a palavra cigano**, disponível em <https://www.gitanos.org/actualidad/prensa/comunicados/113568.html> . Acesso em: 04 de dez. 2020.
- Fundación del Secretariado Gitano. **#TeleBasuraNoEsRealidad** (2016) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J2FRWcT9jii> . Acesso em: 06 de abril 2023.
#YoNoSoyTrapacero
- Fundación del Secretariado Gitano . **#YoNoSoyTrapacero** (2015) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DqBvpWbmdkQ&list=PL7pcmOpz7C2U9wy0DcqLpaGXLgKrHKvvu> . Acesso em: 06 de abril de 2023.
- MATACHE, Margareta. **Palabra, imagen y pensamiento**: la creación de la otredad gitana. Fundación Secretariado Gitano, 9 nov. 2016a. Disponível em: <https://www.gitanos.org/actualidad/archivo/118108.html.es>. Acesso em: 30 de set. 2020.
- MATACHE, Margareta. **El legado de los estudios gitanos en la erudición gitana moderna**. Fundación Secretariado Gitano, 16 dez. 2016b. Disponível em: <https://www.gitanos.org/actualidad/archivo/118509.html.es>. Acesso em: 30 de set. 2020.
- MOONEN, Frans. **Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife, 2012. http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/fmo_2013_antigianismoeuropabrasil.pdf . Acesso em: 09 de nov. 2020.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos, v. 3, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Texto e discurso**. Organon, v. 9, n. 23.

OLEAQUE MORENO, Joan M. **Los gitanos en la prensa española**: Variación y reiteración de los planteamientos de los diarios ABC, El País y La Vanguardia en la representación de los gitanos como grupo (1981-2010). 2014. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) – Universitat de Valencia, Valencia, 2014.

20 minutos. **La RAE no quitará del Diccionario la acepción de gitano como "alguien que procura engañar"** , de 7/11/2014. Disponível em <https://www.20minutos.es/noticia/2289538/0/rae-no-suprimira/diccionario-acepcion-gitano/polemica/?autoref=true> . Acesso em: 19 de nov. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e toda a espiritualidade amiga que me cerca e me manteve firme para conseguir concluir mais esse sonho. A minha família: pais, filha e esposo por todo o suporte ao longo do curso, vocês são a minha força.

Agradeço a instituição Colégio Pedro II pela oportunidade de realizar a pós EAD, caso contrário, não conseguiria prosseguir com os estudos.

Aos professores, em especial as professoras Andrea Galvão, Regina Celia e Ana Beatriz, muito obrigada por cada observação e ensinamento.